



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16586 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 24 - Educação e Arte

PEDAGOGIAS DOS CIRCUITOS ALTERNATIVOS DE CINEMA: UMA CARTOGRAFIA MINEIRA
Isabela Coura - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SAO JOAO DEL-REI
Fernanda Omelczuk Walter - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PEDAGOGIAS DOS CIRCUITOS ALTERNATIVOS DE CINEMA: UMA CARTOGRAFIA MINEIRA

Este trabalho, realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, tem como proposta apresentar parte de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é cartografar experiências com o cinema em cineclubes e mostras infantis para acompanhar ressonâncias pedagógicas de encontros coletivos e vivos com o cinema - fruto de curadorias cuidadosas e experiências que extrapolam a visualização fílmica. Quais acontecimentos se abrem quando o cinema chega até as pessoas em seus territórios? Como cineclubes e mostras de cinema contribuem para potencializar nossas infâncias, nosso fazer pedagógico e a comunidade? O quê os encontros atravessados por uma curadoria territorializada do cinema proporcionam como experiência educativa - estética e política? A partir de uma análise inicial, apontamos três conceitos que nos ajudam a responder algumas dessas questões: Zona Autônoma Temporária, curadoria territorializada e encontro.

Inicialmente é preciso apontar que a cartografia, inspirada nos pensamentos de Deleuze e Guattari, é uma “postura-conceitual-política” (POZZANA, 2016) que fundamenta a investigação visto que, esse modo de fazer pesquisa, possibilita o mergulho necessário nos

planos das experiências dos circuitos de cinema, para mapear as potências, os desvios, os rastros pedagógicos vivenciados nos e com os territórios e não separa pesquisadora dos sujeitos nem da vida.

As experiências cartografadas na dissertação serão o Cine na Montanha - um cineclube itinerante em Delfim Moreira, e duas mostras infantis, a Mostra de Cinema para Crianças e Adolescentes (Recria Cine) em Ervália e a Mostra Sertãozin que integra a programação do Cine Baru em Sagarana. Até o presente momento, foi realizada a cartografia do Cine na Montanha, organizado por quatro mulheres, do qual fui uma das idealizadoras. Este cineclube, financiado pela Lei Paulo Gustavo, teve como proposta caminhar com cinema nacional pelos lugares que ele normalmente não caminha: bairros rurais da cidade de Delfim Moreira - MG. Entendemos que o funcionamento desta primeira mostra cartografada se aproxima de uma Zona Autônoma Temporária (BEY, 2001) que como tal, durante o seu limitado período de existência provocou fissuras “[...] algo mudou, trocas e integrações ocorreram - foi feita uma diferença.” (BEY, 2001, p. 5).

Para adentrar os territórios perambulamos pelos bairros a fim de conversar com os moradores, conhecer o território, os seres humanos e não humanos que ali coabitam. Nós nos engajamos na experiência de estar com o outro com uma escuta atenta e interessada para assim construir a curadoria do projeto. Caminhar nesses bairros foi essencial para pensar uma curadoria territorializada, conceito que surgiu em consonância com o pensamento Xakriabá a respeito de uma educação territorializada (CORRÊA, 2018) pensada com o território. Educar, nesse sentido, é fortalecer a identidade, a cultura, a ancestralidade, um corpo-território da comunidade. Como Célia Xakriabá que almeja para sua comunidade “uma educação que não mata o que a gente é”(2018 p. 196), queremos para os delfinenses um cinema que não mate o que eles são, que essas imagens outras possam “curar” as concepções estereotipadas e inferiorizadas dos caipiras e da zona rural e fortalecer seus modos de ser.

Nesse processo, presenciamos o espaço público sendo ressignificado pelo cinema, assistir a filmes foi como um pretexto para que interações e afetos fizessem passagem. Nas exposições reafirmamos a ideia do cineclube como uma alternativa para resgatar a experiência de estar junto, combatendo a tendência que Crary aborda em Terra Arrasada (2023). Para o autor a intensificação das tecnologias digitais vem canalizando a vida dado que ela transfere nossas amizades, nossas interações, nossos prazeres e alegrias para o ambiente virtual, são manifestações cotidianas “[...] permeadas pela ausência e superficialidade” (CRARY, 2023, p. 88) que roubam nossas capacidades comunicativas, do cuidado, da escuta, da empatia, da autonomia, habilidades essenciais para a criação e manutenção de comunidades que só são

possíveis de existir diante do encontro face a face.

Essas são algumas questões que desenham a pesquisa até o momento e que este trabalho pretende compartilhar como potências pedagógicas e formativas dos cineclubes e mostras. Como bem nos lembra Suely Rolnik (2018) nessa nova versão do capitalismo, em que o excesso de imagens mais cega do que nos permite ver, é da própria vida que o regime se apropria. Diante disso, ações que atuam na micropolítica e rompem com o *modus operandi* são essenciais e urgentes para inventar outras formas de se relacionar com o outro, com as imagens, com o território, com a própria vida. É nesse sentido que o Cine na Montanha se concretiza, visto que convoca uma experiência de estar junto, uma maneira de se dispor no e com o mundo que é de outra ordem: da coletividade, da partilha, do sensível, da nossa formação estética, ética e política no mundo.

Palavras-chave: Cinema e Educação; Cartografia; Educação territorializada.

REFERÊNCIAS

BEY, Hakim. TAZ – *Zona Autônoma Temporária*. Tradução: Patrícia Decia e Renato Resende. Conrad Editora do Brasil, São Paulo, 2001 (Coleção Baderna)

CORRÊA A, Célia Nunes [Célia Xakriabá]. *O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. Dissertação de Mestrado, UnB. Brasília, 2018

CRARY, J. *Terra Arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu Editora, 2023

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS; KASTRUP; TEDESCO (org.) *Pistas do método da cartografia: experiência da pesquisa e plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 42-65

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.